

VOZES INDÍGENAS NA OBRA *THE BUSINESS OF FANCYDANCING* DE SHERMAN ALEXIE

Miriam Goldani de Medeiros¹
miriamgmedeiros@yahoo.com.br

Maria Alejandra Saraiva Pasca²
alepasca@unilasalle.edu.br

RESUMO

A literatura de Sherman Alexie apresenta um cunho político e social mesclado com fortes doses de ironia, cuja intenção é a de instigar e provocar nos seus leitores curiosidade e indignação a respeito das condições subumanas às quais os povos indígenas foram submetidos desde a chegada dos primeiros colonos puritanos nos Estados Unidos.

Palavras-chaves: Colonização. Brancos. Índios.

ABSTRACT

Sherman Alexie's work presents political and social trends mixed with touches of irony with the purpose of provoking and awakening in his readers a feeling of curiosity and indignation on the subhuman conditions to which Indian tribes have been submitted since the arrival of the first Puritans in the United States.

Key words: Colonization. Whites. Native Americans.

1 INTRODUÇÃO

As atribuições sofridas pelos índios estadunidenses devido à imposição da cultura europeia e, mais tarde, à assimilação da cultura branca americana são apresentadas nos poemas analisados neste artigo e que fazem parte da obra *The Business of Fancydancing*, de Sherman Alexie. Tendo em vista que Alexie, autor indígena, se vale de fatos que permeiam a vida dos índios e brancos no território estadunidense desde a época colonial, apresenta-se aqui um recorte histórico com a finalidade de informar aos leitores, aspectos referentes aos conflitos ocasionados pela disputa da terra, pela imposição da cultura branca e pela expulsão dos índios de seus territórios. Esses acontecimentos foram responsáveis pelo empobrecimento e pela perda gradativa dos costumes e tradições dos índios americanos.

2 RETROSPECTO HISTÓRICO DOS ÍNDIOS AMERICANOS: DAS ORIGENS AO TEMPO PRESENTE

No século XVII, os colonizadores europeus chegaram à América com o intuito de iniciar o processo de colonização dos Estados Unidos, o qual englobava a expansão econômica e geográfica bem como a cristianização dos índios, que eram considerados criaturas selvagens e satânicas pelos colonos puritanos. As diferenças religiosas e culturais

¹ Graduada em Letras Inglês, Português e Literaturas pelo UNILASALLE. Especialista em Língua Inglesa pelo UNILASSALLE.

² Mestre em Aquisição da Linguagem. Professora de Língua Inglesa da Faculdade de Letras do UNILASALLE.

resultaram em muitos conflitos entre brancos e índios por causa das crenças impostas aos índios, pois os colonizadores acreditavam que: “o empreendimento colonial era acima de tudo um empreendimento religioso” (PEARCE, 1998, p. 20, tradução nossa).

Quando os europeus chegaram ao Novo Mundo, o primeiro contato que os índios tiveram com os estrangeiros foi desastroso em razão das doenças transmitidas pelos brancos às tribos indígenas.

Muitas pessoas acreditavam que as tribos indígenas americanas foram derrotadas pelos europeus porque eles eram inferiores aos invasores em todos os aspectos. Enquanto muitos índios foram destruídos pelos europeus em virtude da guerra, e de fato algumas tribos foram extintas por outras, a grande maioria dos índios foi conquistada porque não tinha imunidade física para combater a miríade de doenças trazidas pelos europeus tais como a coqueluche, a tosse, sarampo, caxumba, varíola, febre tifóide e a gripe espanhola (MIHESUAH, 1998, p. 29, tradução nossa).

Além disso, pode-se afirmar que o homem branco transmitiu às tribos indígenas americanas não apenas as doenças, mas também os vícios, pois os europeus introduziram nas tribos, bebidas alcoólicas como a aguardente, causando sérios problemas para as comunidades indígenas.

Os colonizadores ingleses se consideravam os representantes de Deus na terra. Os índios, por sua vez, conforme os puritanos, eram selvagens, portanto, criaturas de Satã, pois os mesmos não tinham resistência às doenças e ao álcool. Os puritanos acreditavam que a conquista das terras indígenas havia sido abençoada por Deus, consagrando de forma definitiva o poder da religião.

Na metade do século XVIII, os problemas com os colonizadores e indígenas se tornaram mais frequentes em virtude da colonização e do progresso em direção ao oeste americano, pois os índios não aceitavam as regras que os puritanos lhes impuseram.

Após o término da guerra pela independência dos Estados Unidos, os problemas com os índios e brancos começaram novamente, tendo em vista que a perspectiva dos estadunidenses era ainda colonial. Mais uma vez os brancos prometeram aos índios que eles seriam os donos do território. Entretanto, isso não aconteceu assim como muitas outras vezes nesse período. Os brancos forçaram os índios a aceitarem as regras porque eles queriam as terras indígenas a qualquer preço e a lei, que podia protegê-los, não era respeitada pelos homens da fronteira. Assim sendo, muitos tratados foram desfeitos pelos brancos em nome de Deus e do progresso dos Estados Unidos.

Durante o século XIX, em 26 de maio de 1830, o governo federal criou o Ato de Remoção dos índios, o qual foi encaminhado para o congresso dos Estados Unidos da América, sendo convertido em lei pelo Presidente Andrew Jackson. A intenção desta lei era

remover os índios de suas terras e reassentá-los em outros territórios. O presidente Andrew Jackson e os congressistas estadunidenses planejavam reassentar cinco importantes tribos no estado de Oklahoma. A principal intenção desta lei era salvar os índios da erradicação. E assim foi criado o sistema das reservas indígenas.

Em 1845, o jornalista John L. O'Sullivan cunhou a expressão Destino Manifesto, a qual justificava a expansão do território americano através da conquista das terras de outros países através da força. Este termo foi utilizado pelos democratas para justificar a guerra contra o México, na década de 1840. Destarte, com a modernidade e a expansão da nação, a assimilação da cultura branca pelos índios se tornou inevitável, visto que se os índios não assimilassem a cultura dos americanos, eles não sobreviveriam.

Dessa forma, muitas tribos foram forçadas a saírem de suas terras para habitar outros territórios chamados de reservas indígenas. Como os índios não tinham roupas apropriadas e comida para a longa marcha, eles sofreram com o longo inverno, que provocou a morte de muitos deles ao longo da caminhada devido à fome, exaustão e frio intenso.

Os Atos de Remoção estabeleceram a transferência dos Cherokees, Creeks, Choctaws, Chikasaws e Seminoles, que concordaram em migrar além do Mississipi. A sua remoção ficou conhecida como a Trilha das Lágrimas, tendo em vista que este deslocamento compreendia 70.000 índios que deixaram as terras do leste em direção ao oeste durante o período de dez anos. Havia promessas de doação de terras aos índios através dos tratados e eles também receberiam largas somas em dinheiro da venda dos seus territórios do leste. Entretanto, em 1906, eles foram forçados a mudar-se para outras reservas. (BRODBECK, 2002, p.46, tradução nossa).

Apesar de que a intenção dos brancos era a de desestabilizar a cultura indígena através do sistema de reserva, eles falharam no seu intuito, pois os índios não assimilaram o estilo de vida americano. Então, o congresso dos Estados Unidos, em 1887, constituiu o Ato de Loteamento ou Dawes Act, que foi criado para distribuir pequenas porções de terra às famílias e indivíduos. A intenção real dos brancos era a de separar os índios de suas terras. Por outro lado, os agentes da Agência para Assuntos Indígenas (BIA) interferiam no modo de vida dos índios, por exemplo, na sua rotina, hábitos e práticas religiosas.

Conforme Hirschfelder (2000, p.14), a partir de 1890, as condições das reservas se tornaram ainda mais calamitosas, pois em muitas reservas, os líderes indígenas começaram a se desinteressar pela liderança; outros estavam na prisão ou tinham morrido. A economia da reserva baseava-se em arrendamento das terras, trabalhos sazonais e donativos do governo. Os agentes do BIA intrometiam-se nas rotinas diárias e nos hábitos pessoais daqueles que estavam sob os seus cuidados, gerenciando cada aspecto de suas vidas. A vestimenta

indígena e o uso de cabelos longos pelos homens eram proibidos e as práticas religiosas foram banidas, sendo que os infratores eram sentenciados à prisão e trabalhos forçados.

Assim sendo, na primeira década do século XX, os efeitos catastróficos do loteamento ficaram evidentes. Por esse motivo, após a Primeira Guerra Mundial o governo comissionou uma pesquisa das condições sociais e econômicas das reservas. “[...] O Relatório Meriam divulgou os resultados de um estudo feito por um comitê de pesquisadores altamente respeitados e assombrou a nação americana com detalhes sobre as condições de vida nas reservas [...]” (AVERY; SKINNER, 1992, p. 121, tradução nossa).

Então, o Ato de Reorganização do Índio (IRA) terminou com a política dos loteamentos e criou muitas reformas que deram aos índios maior independência política, econômica e cultural. Por conseguinte, a intenção era que as tribos se tornassem autossuficientes e produtivas. Uma das primeiras reformas tinha como objetivo recuperar as terras que seriam vendidas aos colonos, devolvendo-as aos índios. Juntamente com essa medida, criou-se um fundo que seria usado para a compra de outras terras da reserva. A segunda reforma pretendia encorajar os índios na adoção de constituições escritas. Por último, a terceira maior área de reforma do IRA compreendia empregos e educação.

Algumas pessoas acreditavam que as mudanças na política indígena eram necessárias devido a razões econômicas através da redução dos gastos públicos e da poupança do contribuinte. Consequentemente, na década de cinquenta, o governo federal criou o plano chamado ‘termination’ cujo objetivo era de acabar com as relações amigáveis entre as tribos e o governo federal. Portanto, mais uma vez outros tratados e acordos foram feitos para resolver os problemas com o processo de assimilação.

Na metade da década de sessenta, começou o movimento da parte dos índios que queriam encerrar com a política ‘termination’ “e trabalhar para ganhar um controle maior sobre os assuntos indígenas”. (AVERY; SKINNER, 1992, p. 203, tradução nossa). No início da década de setenta, durante a administração do presidente Richard Nixon, o governo federal uma vez mais examinou a política indígena cuja intenção básica era a de respeitar o direito dos índios na preservação da sua cultura, valores tribais e senso de comunidade.

A partir da década de oitenta à década de noventa, o governo desejava a autossuficiência das tribos e o seu desenvolvimento econômico, considerando que essas medidas resolveriam o problema que o governo tinha com os índios. Entretanto, a maioria das tribos habitava terras improdutivas, morando em reservas isoladas sem qualquer experiência comercial.

Em vista disto, as tribos assumiram o controle direto através de iniciativas de um governo autônomo. Portanto, para sobreviver no mundo capitalista, as tribos foram obrigadas a encontrar um modo de ganhar dinheiro com negócios, tais como os cassinos. Com o ato regulatório dos jogos das reservas indígenas de 1988, as tribos indígenas alcançaram uma nova era de prosperidade que permitiu a operação dos jogos nas reservas.

3 SHERMAN ALEXIE

“Não há nada a que nós não possamos sobreviver.”
Sherman Alexie

Conforme Brodbeck (2002, p.83), Sherman Joseph Alexie Jr. nasceu em 1966, em Wellpinit, Washington e viveu na reserva indígena até sua adolescência. Atualmente ele vive em Seattle, Washington. Ele é descendente da tribo Spokane por parte materna e Coeur d’Alene por parte paterna. A reserva indígena Spokane é situada na cidade de Wellpinit, Washington e possui cerca de mil habitantes, porém existem uns mil e quinhentos índios Spokane que vivem fora da reserva. Alexie descreve o lugar onde ele viveu como “rural, montanhoso e isolado.”

Alexie permaneceu na escola indígena até a oitava série; após, foi para escola de ensino médio, que ficava fora da reserva e cuja maioria dos estudantes era branca. Por causa das diferenças étnicas, a experiência nessa escola foi traumática, e assim, enfrentou muitas dificuldades ocasionadas pelas diferenças culturais: a aparência, própria da sua origem indígena, e a fala, que era carregada de dialetos linguísticos.

Conforme o site fallsapart, Sherman Alexie é autor de vinte e dois livros, incluindo *The Absolutely True Diary of a Part-Time Indian*, e vencedor de vários prêmios em literatura. O autor também escreveu e produziu dois filmes: *Smoke Signals* e *The Business of Facyndancing*. Ele vive com sua família em Seattle, Washington.

A literatura de Sherman Alexie tem a intenção de criticar o processo de colonização. Portanto, através da sua literatura nós podemos perceber a luta contra a estrutura social dominante, caracterizada por séculos de opressão e dominação.

Segundo Brodbeck (2002, p. 84), sendo um leitor voraz, Alexie confessa a sua admiração pelo historiador judeu Howard Zinn cujo livro *A People’s History of the United States* foi um divisor de águas em sua vida. Howard Zinn trata exatamente da questão dos “grupos sub-representados nos Estados Unidos”, expondo a injustiça da omissão da parte dos historiadores. Conforme Howard Zinn (2002):

Ficou muito claro para mim que o único modo realmente crítico no qual as pessoas são enganadas pela história não é pelas mentiras que são contadas, mas pelas coisas que são omitidas. Se uma mentira é contada, você pode averiguar a respeito. Se alguma coisa é omitida, você não tem como saber se foi omitida. [...], portanto, quando eu iniciei o meu livro, eu sabia que eu tinha que começar com Colombo porque é dali que todas as histórias dos Estados Unidos começam. Eu perguntei para mim: “O que foi omitido?” A perspectiva do índio. (tradução nossa.)

Para Sherman Alexie, o humor é essencial considerando a implicação política desse recurso no momento que ele desestabiliza afirmações canônicas a respeito do modo que os índios vivem e como eles se comportam (BRODBECK, 2002, p.98, tradução nossa). De acordo com Alexie “não há nada pior do que ser sério e eu não quero ser sério. [...] o humor é o que questiona o status quo [...]” (WEST, 1998, p.11, tradução nossa).

4 ANÁLISE DOS POEMAS DE SHERMAN ALEXIE

The Business of Fancydancing foi o primeiro livro de Sherman Alexie, publicado em 1992. Este livro está dividido em três seções: I Distances, II Evolution e III Crazy Horse Dreams. Nesses poemas e histórias, Sherman Alexie criou oportunidades para os leitores conhecerem melhor a realidade das reservas Spokane e Coeur d’ Alene sob a perspectiva dos índios.

4.1 *Traveling*³

Neste conto, Sherman Alexie discute aspectos importantes relacionados com a história dos índios americanos tais como o álcool, a modernidade, a história, a ironia, o humor, o preconceito, a discriminação, o passado e o presente. Há três personagens: o garoto índio, seu pai (Victor) e um policial. O garoto é o narrador da história, o pai e o policial são os protagonistas principais. A história começa quando o narrador relata onde eles se encontram e a razão de estarem ali. “[...] noite e a autoestrada às três da manhã era a mais longa da história tribal. Quem dirigia a van azul lotada com índios de estatura baixa da tribo Spokane, de volta do torneio de basquete dos índios de 1m83 da cidade de Kamiah, era meu pai” (ALEXIE, 1992, p.13, tradução nossa). Através deste excerto, podemos observar a paixão dos índios pelo basquete da mesma forma que os brancos. Sem dúvida, isso demonstra o processo de assimilação que foi introduzido, gradativamente, nas reservas.

Na introdução da história o narrador faz referência ao problema do álcool, o que se tornou um problema nas tribos indígenas desde que os brancos começaram a vender

³ Anexo A

aguardente para eles. Ele também menciona a tecnologia que adentrou nas casas dos índios: “[...] todos os índios nos bares bebendo a cultura deles ou apaixonados pela televisão a cabo nas casas abandonadas” (1992, p.13, tradução nossa).

Quando o narrador observa que “[...] todas as autoestradas do mundo atravessam alguma reserva indígena, cortam-na pela metade” (p.13), nós podemos sentir a voz de Alexie atentando para as autoestradas como uma conexão entre o passado e o presente. No passado, as estradas de ferro arrastavam tudo o que estivesse na frente delas; na atualidade, ocorre o mesmo processo com as autoestradas que representam a trilha do progresso, cortando o território indígena em dois.

De fato, a ironia e o humor são características fortes da ficção de Alexie. De tal forma que, após o policial afirmar que o índio estava bêbado e de pedir que ele abrisse a caixa de isopor, torna-se evidente que o policial apenas confirma uma atitude preconceituosa a respeito dos índios em geral. Logo, “ao apresentar o humor como um ingrediente dos costumes indígenas e uma maneira de sobreviver ao preconceito e ódio da parte dos brancos, Alexie consegue combater a falácia popular que os índios americanos são indivíduos que não têm senso de humor” (BRODBECK, 2002, p.97, tradução nossa). Como exemplo de ironia, podemos citar o diálogo que ocorre entre os índios que estão dentro da van.

“Nós todos vamos para a cadeia, não é?”

“Somente se ser índio for ilegal.”

“Merda, ser índio é ilegal em Washington desde 1972, você não sabe?”

“Como você sabe disto? Quando você nasceu?”

“1972”.

A gente ria disto quando o policial voltou para a van. (ALEXIE, 1992, p. 14, tradução nossa).

Ao mesmo tempo em que os índios enfrentam a situação com humor, eles também fazem referência ao ano de 1972, data histórica de grande importância para os índios, pois neste ano ocorreu o Manifesto do Movimento Indígena Americano (AIM): organização fundada em 1968 em Minneapolis, Minnesota nos Estados Unidos, pelos índios urbanos.

Quando o policial pergunta, de forma irônica, se eles são ou já fizeram parte do partido comunista, Alexie introduz um fato muito importante da história dos Estados Unidos. Ao falar no partido comunista, Alexie faz uma conexão com o senador McCarthy que deu origem a um período chamado macarthismo, em que ser comunista nos Estados Unidos era sinônimo de ser antiamericano. Por ser um período de caça às bruxas, Alexie compara esse tipo de segregação, que alguns artistas famosos sofreram em virtude de suas ideologias, com o tratamento hostil a que os índios também foram alvo, por não serem considerados cidadãos americanos.

Através dessa história, podemos observar a complexidade da vida dos índios; o tempo passa, mas as coisas parecem ser tão difíceis quanto eram no passado. O preconceito e ódio que eles sofreram no passado ainda estão vivos em alguns brancos como demonstra a atitude do policial em relação aos personagens indígenas. Portanto, ao ler-se uma história de Alexie, podemos notar a carga de exploração, destruição e preconceito que as tribos indígenas experimentaram e, ainda assim, eles continuam resistindo, o que mostra a sua força e persistência.

4.2 *Evolution*⁴

Mais uma vez Alexie coloca em discussão fatos que ocorreram na história dos Estados Unidos e, para que possamos entender o significado do poema, torna-se necessário conhecer a história dos índios americanos. Assim sendo, o autor nos mostra alguns fatos relacionados com o processo de colonização, tais como: o aniquilamento de tribos, as doenças provocadas pelo álcool, a involução dos povos indígenas e as consequências nefastas do sistema capitalista. Na primeira estrofe do poema, podemos identificar o personagem Buffalo Bill, representando os brancos e o sistema capitalista no momento em que ele abre uma loja de penhores na reserva, próximo a um bar. Conseqüentemente, ele tira vantagens da fraqueza dos índios, que empenham seus bens para conseguir alguns trocados para comprar bebidas no bar. A modernidade chega à reserva indígena através da loja de penhores de Buffalo Bill, que fica aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Conforme a primeira estrofe, alguns aspectos na história devem ser analisados sobre a vida de Buffalo Bill. Seu nome verdadeiro era William Frederick Cody e o apelido Buffalo Bill lhe foi atribuído após a guerra civil americana, quando exercia a atividade de caçador de búfalos. Após isso, ele trabalhou em outros lugares, mas somente ficou famoso com o seu circo chamado de o show do oeste selvagem de Buffalo Bill, “[...] em 1883, ele continuou se apresentando por 30 anos diante de muitas plateias nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Europa” (HIRSCHFELDER, 2000, p. 99, tradução nossa). De tal modo, ele criou o mito do Oeste Selvagem onde os índios eram criaturas selvagens que atacavam os fortes americanos, estabelecimentos, tropas e vagões de trens. No final, o exército aparecia para defender os brancos dos índios.

Por conseguinte, após conhecermos fatos sobre Buffalo Bill, fica mais fácil entender este poema. O ódio e a repulsa por Buffalo Bill representam a exploração dos índios pelos

⁴ Anexo B

brancos. Assim, neste poema, Alexie critica o capitalismo, o qual encoraja a proliferação dos estabelecimentos que vendem bebida alcóolica, causando um grande dano à saúde do povo indígena. Então, o título do poema *Evolution* deveria ser lido como uma ironia, pois o autor nos mostra a destruição, a exploração e a degradação do seu povo, o que evidencia um processo de involução ao invés de evolução.

4.3 *War All the Time*⁵

O poema “*War All the Time*” faz parte da terceira seção chamada Crazy Horse Dreams. Alexie, neste poema, fala sobre heroísmo, sobrevivência, racismo, sofrimento, esquecimento, a guerra do Vietnã e todas as guerras que os índios enfrentaram. O autor escolheu um grande e corajoso herói indígena, conhecido como Crazy Horse, para representar todos os índios que foram bravos e suportaram as injustiças impostas pelos brancos. Dessa maneira, Alexie nos dá a oportunidade de ver como os índios foram injustamente explorados através dos séculos, mas que, ao mesmo tempo, tentam sobreviver e não se rendem às dificuldades.

Na primeira estrofe, o autor apresenta o retorno de Crazy Horse, que após o término da guerra no Vietnã, volta ao Breakaway bar e senta-se no mesmo lugar em que sentara há dois anos, quando recebeu a sua convocação para a guerra. E assim, ele decide tomar o único ‘remédio’ que poderia aliviar a dor, a raiva e a indignação em relação a sua vida de índio. O álcool, portanto, torna-se o ‘remédio’ barato que ele e seu povo utilizavam para suportar os anos de miséria, raiva, injustiça e preconceito.

Na segunda estrofe do poema, Crazy Horse pede uma cerveja grátis, pois ele acreditava ser merecedor desta recompensa, como todos os demais heróis que retornaram de outras guerras, independente da raça ou cor. Aqui o autor se vale, deste exemplo, para falar sobre o racismo e mostrar aos leitores que, na guerra, inexiste cor da pele, pois todos os homens são iguais no campo de batalha. Porém, quando a guerra termina, as coisas retornam a ser o que sempre foram para os índios.

Crazy Horse pede ao garçom uma cerveja
grátis, porque ele tem uma certa cor de herói
embora ele não saiba se a cor é vermelha ou branca
porque não há espelhos na selva
apenas olhos traçando os caminhos através do ar.
(ALEXIE, 1992, p.65, tradução nossa).

⁵ Anexo C

Na terceira estrofe, Crazy Horse está inconformado com sua situação. Apesar de ser um herói de guerra, ele não tem nenhum dinheiro; ele está falido. Em vista disso, ele vende as suas medalhas de guerra para comprar algumas cervejas.

Finalmente, sentindo-se cansado de tudo, Crazy Horse tem uma atitude rebelde, e então, ele começa a jogar as garrafas vazias de cerveja nas placas de sinalização na estrada, como um símbolo de uma luta interna contra tudo o que ele já enfrentou em sua vida. Ainda que sua vida seja repleta de batalhas, Crazy Horse pode ser considerado um sobrevivente, pois não desistiu da grande batalha pela vida.

4.4 *Futures*⁶

Este poema começa com uma epígrafe da famosa poetisa negra, Lucille Clifton, que representa os grupos minoritários, tais como: os índios, as mulheres, os homossexuais e os trabalhadores braçais na sociedade americana.

De acordo com a irônica citação da poetisa: “crianças, reflitam sobre os bons tempos” (CLIFTON apud ALEXIE, 1992, p. 35, tradução nossa), é possível perceber que as mesmas experiências traumáticas as quais os negros foram submetidos também fazem parte das tribos indígenas, tanto no passado quanto no presente, em virtude da cor da pele. Além disso, podemos observar a imposição da cultura branca, através do processo de assimilação, por outros grupos étnicos desde os tempos coloniais.

Neste poema, Alexie tem a intenção de apresentar aos leitores a vida real do seu povo, ou seja, as dificuldades que exigem soluções urgentes para que eles possam viver com dignidade. Por isso, percebe-se a ironia do título do poema: “Futures”. Como é possível pensarmos em futuro no que tange às comunidades indígenas que experimentam uma vida de miséria e abandono por parte do governo?

E assim na primeira estrofe, o autor nos mostra quão longe os índios estão do padrão social e econômico americano, tornando-se impossível para a maioria fazer parte da sociedade americana.

Nós morávamos em casas populares
cinquenta dólares por mês.
Aqueles eram os bons tempos.
VINHO ANNIE GREEN SPRINGS⁷
era um dólar a garrafa.
Meus tios sempre apareciam
para comer cozido e pão frito

⁶ Anexo D

⁷ Marca de vinho americano.

para ficarem bêbados na tenda de purificação
para cuspir e mijar no fogo.(ALEXIE, 1992, p. 35, tradução nossa.)

Na segunda estrofe, Alexie fala sobre desemprego, programa de assistência alimentar americano e fogos de artifício. O programa de assistência alimentar chamado de *commodity food* é administrado pelo departamento de agricultura dos Estados Unidos (USDA) e atende às pessoas de baixa renda nos Estados Unidos, incluindo os índios. Além da ajuda do governo, as mulheres indígenas fazem artesanato para vender para os brancos e os homens vendem fogos de artifícios, que é uma prática ilegal. Essa é a forma que os índios encontraram para ganhar algum dinheiro.

Através desses versos, o autor nos mostra as péssimas condições dos índios que vivem nas reservas. Neste poema podemos ouvir as vozes indígenas pronunciando-se sobre os séculos de perdas e humilhações. Alexie, através da sua literatura, tem a oportunidade de provocar a indignação nos seus leitores sobre a situação do seu povo, criando dessa forma mecanismos para que os índios possam ser ouvidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da leitura do livro de Sherman Alexie, *The Business of Facydancing*, senti a necessidade de conhecer mais sobre a vida dos índios americanos, então comecei a pesquisar a história da colonização dos Estados Unidos, a partir do século XVII, quando os europeus decidiram vir para o Novo Mundo, fundando a Colônia dos Puritanos com a benção de Deus.

Do século dezoito ao dezenove, os problemas com os colonizadores e os índios tornaram-se mais frequentes e pode-se vislumbrar uma série de batalhas, tratados, loteamentos, reservas, bem como, a construção das estradas de ferro invadindo o território indígena. Esses acontecimentos mudaram drasticamente a vida dos índios de tal modo que eles foram arrastados para a pobreza.

No século vinte, as tribos tornaram-se autossuficientes com o surgimento do movimento dos direitos civis, que lutava por melhores condições para as tribos. Assim, alguns escritores indígenas se interessaram em contar a verdadeira história de seu povo tal como Sherman Alexie, que usa a história, o humor e a ironia para falar sobre a privação e a dor das tribos indígenas. “Esta educação híbrida produziu efeitos admiráveis em seu trabalho, tendo em vista que a ficção de Alexie é uma mistura de histórias orais (a reverberação de um aglomerado de palavras ao longo dos poemas) e complexas estratégias pós-modernas.” (BRODBECK, 2002, p. 171, tradução nossa).

No livro *The Business of Fancydancing*, pode-se observar que Alexie apresenta alguns fatos importantes que ocorreram na história dos índios estadunidenses, misturando-os com a vida atual dos índios. Seus personagens viajam através do passado para o presente e vice-versa, fazendo com que seus leitores sintam a necessidade de pesquisar a respeito da verdadeira história dos índios e brancos. Dessa maneira, Alexie exorciza os sentimentos de ódio, preconceito e destruição que ele e seu povo sofreram, através dos séculos, nas reservas. Além disso, ele também escreve sobre a vida dos índios fora das reservas, das dificuldades que eles sentem em viver nos centros urbanos por causa dos estereótipos negativos por parte dos brancos. De fato, tornar-se um membro da sociedade americana significa perder parte da cultura, língua e crenças do seu grupo de origem. Na ficção de Alexie, entretanto, podemos ouvir as vozes indígenas que ecoam através das palavras.

REFERÊNCIAS

- ALEXIE, Sherman. **The Business of Fancydancing**, New York: Hanging Loose Press, 1992.
- ALEXIE, Sherman- **Biography**. Available at: <http://www.fallsapart.com/biography/>. Accessed on: 16 ago.2011.
- AVERY, Susan; SKINNER, Linda. **Extraordinary American Indians**. Chicago: Children Press, 1992.
- BRODBECK, Jane Thompson. **Facing two Worlds: Hibridism in Sherman Alexie's Fiction**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. TESE.
- HIRSCHFELDER, Arlene. **Native Americans: A History in Pictures**. New York: Dorling Kindersley Publishing, Inc, 2000.
- MIHESUAH, Devon A. **American Indians**. Atlanta: Clarity Press, 1998.
- PEARCE, Roy Harvey. **Savagism and Civilization**, Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1998.
- ZINN, Howard. **Howard Zinn Interview: Conversations with History**; Institute of International Studies, UC Berkeley. Available at: <http://globetrotter.berkeley.edu/people/Zinn/zinn-con5.html> Accessed on: 02 jul.2002
- WEST, Dennis; WEST, Joan M. Sending Cinematic Smoke Signals: An Interview with Sherman Alexie. **Cineaste**, v.23, n° 4 (Fall, 1998). Available at: <http://www.lib.berkeley.edu/MRC/alexie.html> Accessed on: 08 fev. 2000.

ANEXO A – TRAVELING

My eyes were closed tight in the reservation November night and the three in the morning highway was the longest in tribal history. It was my father driving the blue van filled with short Spokane Indians, back from the Kamiah All-Indian Six-Foot-And-Under Basketball Tournament.

Orofino, Lapwai, Lewiston, Rosalia, Spangle, all the small towns miles apart, all the Indians in the bars drinking their culture or boarded up in their houses so much in love with cable television. I wasn't there when the old Indian man from Worley said it, but I know it must be true: Every highway in the world crosses some reservation, cuts it in half.

I was awake, listening to the sleeping sounds of the other Skins, to my father talking to his assistant coach, Willie Boyd, both trying to stay awake, afraid of the dark.

"Willie, I'm getting too damned old for this."

"We'd win more games if we could hit our free throws, enit?"

"Yeah, maybe. I guess we need to find a couple more players.

Arnold gets tired, you know?

"Shit, he's young. When I was his age I was the toughest goddamned Indian on the reservation, don't you know?"

"No way, I lived next door to you. Shit, you weren't even the toughest Indian on the block, enit?"

And they laughed.

It was hunger made me move then, not a dream, and I reached down and rummaged through the cooler for something to eat, drink. Two slices of bread, a half-full Pepsi, melting ice. My hand was cold when I touched my father's arm.

"Hey, Dad, we ain't got any food left."

"What's in your hand?"

"Just two slices of bread."

"Well, you can have a jam sandwich, enit?"

"What's that?"

"You just take two slices of bread and jam them together."

Willie laughed loudest and looked back at me.

"You can have a wish sandwich, too," Willie said. "All the time you're eating, you wish there was something in your sandwich."

All the talking stories and laughter woke up the rest of the Skins and my brother, two hundred and eighty-pound point guard, sat up and farted.

"Hey," he said. "I'm hungry."

It was on Highway 2 just before Reardan when the State Trooper pulled the blue van filled with Spokane Indians over to the side of the road. The Trooper walked up to my father on the driver's side cool and sure, like he was ordering a hamburger and fries or making a treaty.

"Excuse me, officer, what's the problem?" my father asked.

"You were weaving back there. Been drinking much?"

"Ain't had any, officer. Just coming back from a basketball tourney."

The Trooper held us all in his flashlight for a moment, held the light a little longer on the empty cooler.

"What was in that?" he asked.

"A whole lot of wishes," Willie said and we all laughed.

The Trooper took my father's license and the registration card and walked back to his cruiser. I watched him walk back in the headlights, taillights, moonlight, all pushing back a small circle of darkness.

"We all going to jail, enit?"

"Only if being Indian is illegal."

"Shit, being Indian has been illegal in Washington since 1972, don't you know?"

"How do you know that? When were you born?"

"1972."

We were still laughing when the Trooper came back to the van.

"Mr. Victor, I'm going to have to ask you to step out of the vehicle."

"Why?"

"Mr. Victor, I'm going to have to ask you to please step out of the vehicle."

"I didn't do shit."

"Mr. Victor, I won't ask again."

My father climbed out and we watched as the Trooper made him walk a straight line, touch his nose with his eyes closed, sing the Star Spangled Banner.

"Who holds the major league record for most home runs in a single season?" the Trooper asked my father.

"Roger Maris."

“No, it’s Babe Ruth. You must be drunk. Who shot J.F.K.?”

“It wasn’t Lee Harvey Oswald.”

“Wrong. Who invented Velcro?”

“You did.”

The Trooper bumped chests with my father, spit in his face as he yelled.

“Now, you understand, Indian. Who is the most beautiful woman in the world?”

“Your mistress.”

“Yes. Who is the greatest entertainer of all time?”

“Frank Sinatra.”

“Perfect. What would you order with you bagel?”

“Cream cheese.”

“Definitely. Never Iox. Now, the last question. Are you now or have you ever been a member of the Communist Party?”

“No, no.”

All the Indians were silent in the blue van as it climbed up the roads leading home to the Spokane Indian Reservation. I tore up my two pieces of bread and passed it around to the other skins.

Then, the blue van shuddered, the headlights went dim, out, and the van stopped dark in the endless night.

“What the hell is it?”

“Out of gas.”

“Shit, we’re going to have to push it home.”

We climbed out of the van while my father and Willie sat in the front, watching the road. Ten skinnyspit Indians pushed hard while my brother struggled against his weight, against all of our weight.

“I’m so damned tired,” he said, stopped pushing, stood still. I looked back as he stood on the reservation highway. I turned back to the van, put my shoulder to the cold metal and waited for something to change. (ALEXIE, 1992, pages. 13-14-15).

ANEXO B - EVOLUTION

Buffalo Bill opens a pawn shop on the reservation
right across the border from the liquor store
and he stays open 24 hours a day, 7 days a week.

and the Indians come running in with jewelry
television sets, a VCR, a full-length beaded buckskin outfit
it took Inez Muse 12 years to finish. Buffalo Bill

takes everything the Indians have to offer, keeps it
all catalogued and filed in a storage room. The Indians
pawn their hands, saving the thumbs for last, they pawn

their skeletons, falling endlessly from the skin
and when the last Indian has pawned everything
but his heart, Buffalo Bill takes that for twenty bucks

closes up the pawn shop, paints a new sign over the old
calls his venture THE MUSEUM OF NATIVE AMERICAN CULTURES
charges the Indians five bucks head to enter
(ALEXIE, 1992, p, 48.)

ANEXO C – *WAR ALL THE TIME*

Crazy Horse comes back from Vietnam
straight into the Breakaway Bar,
sits down at the same table
he was sitting at two years earlier
when he received his draft notice.

Crazy Horse asks the Bartender for a beer
free, because he's some color of hero
although he doesn't know if it's red or white
because there are no mirrors in the bush,
only eyes tracing paths through the air,

eyes tearing into the chest, searching
for the heart. Crazy Horse sells his medals
when he goes broke, buys a dozen beers
and drinks them all, tells the Bartender
he's short on time all the time now,

measuring it learning out car windows,
shattering beer bottles off road signs,
and when the Bartender asks him why
he's giving up everything he earned,
Crazy Horse tells him you can't stop a man
from trying to survive, no matter where he is.
(ALEXIE, 1992, p.65.)

ANEXO D – FUTURES

*Oh children think about
The good times-Lucille Clifton*

We lived in the HUD house
for fifty bucks a month.
Those were the good times.
ANNIE GREEN SPRINGS WINE
was a dollar a bottle.
My uncles always came over
to eat stew and fry bread
to get drunk in the sweatlodge
to spit and piss in the fire.

No one never had to job
but we could always eat
commodity cheese and beef
and Mom sold her quilts
for fifty bucks each to whites
driving in from Spokane
to buy illegal fireworks.

That was the summer I found
a bag full of real silver dollars
and gave all my uncles all
my brother and sisters each one
and no one spent any no one.

(ALEXIE, 1992, p.35.)